

GOLPE DE ESTADO OU REVOLUÇÃO? A CONSTRUÇÃO DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA POR MEIO DA ANÁLISE DE FONTES HISTÓRICAS REFERENTES AOS ACONTECIMENTOS POLÍTICOS DO BRASIL DE 1964

Sara de Souza Cardoso¹, Ronaldo Cardoso Alves²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/Assis

Resumo: O presente trabalho, inserido no campo das pesquisas de interface entre a Didática da História e a Educação Histórica, tem por objetivo analisar a construção narrativa de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma das escolas da rede pública estadual de ensino, da cidade de Assis – SP, elaboradas a partir do trabalho, em sala de aula, com fontes históricas referidas nos acontecimentos políticos do Brasil de 1964, estudando posicionamentos e argumentos que identificam tais fatos como golpe de estado ou revolução. Baseado em teóricos da História como RÜSEN (2001) e KOSELLECK (2006), bem como em pesquisadores da Educação Histórica como BARCA & GAGO (2001), ASHBY (2006), CAINELLI & SCHMIDT (2012), SIMÃO (2008) e ALVES (2013), a pesquisa trabalha com a análise de conceitos substantivos (revolução, golpe de estado) e de segunda ordem ou meta-históricos (Evidência Histórica, Explicação Histórica), com vistas a investigar a construção de consciência histórica na análise da produção escrita dos jovens.

Palavras-chave: Conceitos Substantivos, Didática da História, Consciência Histórica, Educação Histórica, Fontes Históricas.

Introdução

A presente pesquisa foi realizada em uma escola de período integral que faz parte da rede pública estadual de ensino, localizada no município de Assis, interior de São Paulo, sendo desenvolvida em duas turmas de 9º ano do ensino fundamental, com cerca de trinta e cinco alunos cada, com idade entre treze e dezesseis anos e, em sua maioria, pertencentes às classes D e E (de acordo com o critério do IBGE, para definição de classes sociais, do ano de 2016), cuja escolha das mesmas deu-se pelo fato de recentemente terem trabalhado o tema.

Baseado em teóricos da História como RÜSEN (2001) e KOSELLECK (2006), bem como em pesquisadores da Educação Histórica como BARCA & GAGO (2001), ASHBY (2006), CAINELLI & SCHMIDT (2012), SIMÃO (2008) e ALVES (2013), a pesquisa trabalha com a análise de conceitos substantivos (revolução, golpe de estado) e de segunda ordem ou meta-históricos (Evidência Histórica e Explicação Histórica). Destarte, o objetivo da pesquisa consiste em analisar a construção narrativa dos jovens,

¹Graduanda em História, Iniciação Científica – LEPEDIH-UNESP/Assis, saraasouzacardoso@gmail.com.

²Docente do Departamento de Educação – UNESP/Assis e do Programa de Pós Graduação em História Social – UEL; Coordenador do LEPEDIH-UNESP/Assis, ronaldocardoso@assis.unesp.br.

elaboradas a partir do trabalho com fontes históricas relacionadas aos acontecimentos políticos de 1964 no Brasil, estudando posicionamentos e argumentos que identificam tais fatos como “golpe de estado” ou “revolução”.

Metodologia empregada e prévios resultados

Para a consecução da pesquisa, foram necessárias quatro aulas com as duas turmas, duas em cada uma delas. As primeiras foram utilizadas para estabelecer uma aproximação com os agentes da pesquisa e observar o ritmo das salas. A partir daí foram desenvolvidos dois instrumentos de pesquisa, sendo o primeiro para identificar o Perfil Discente e o segundo com vistas à investigação da Cognição dos estudantes.

O instrumento de pesquisa do Perfil Discente corresponde a uma coleta de dados dos estudantes participantes da pesquisa, tais como nome (sendo esse tópico opcional), idade, cidade de residência, cidade natal, gênero, etnia, religião, renda familiar e escolaridade dos pais. Todas as perguntas foram feitas de modo que auxiliassem no entendimento da vivência de cada aluno e no que isso é capaz de influenciar em suas respostas. Além disso, também foram questionados a respeito de aspectos socioculturais como, por exemplo, se fazem uso de espaços culturais, de lazer ou de entretenimento, se costumam se informar, quais são os meios que utilizam e porque julgam importante fazê-lo ou não, pois é fundamental que se saiba quais são as fontes que os alunos usam para buscar o conhecimento, dada temática histórica discutida no instrumento de pesquisa.

Na investigação referente ao conhecimento histórico dos estudantes, utilizou-se o instrumento Cognitivo, que teve como objeto o tema da pesquisa: os acontecimentos de 1964 no Brasil. Nele, foram feitas três perguntas para os alunos, porém neste texto abordaremos as respostas suscitadas da primeira questão, qual seja: *“A chegada dos militares ao poder, em 1964, foi uma revolução ou um golpe de estado? Por quê?”* Pergunta que tinha como intuito, considerando que os alunos já estudaram a Ditadura Militar brasileira na escola, acessar seus conhecimentos prévios sobre o tema; se concordam que tais acontecimentos se constituíram como uma revolução ou como um golpe de estado; e quais seus respectivos argumentos. Na sequência, foram realizadas categorizações das respostas dos jovens, por meio da análise de como se utilizaram dos conceitos substantivos (revolução, golpe de estado) com a finalidade de investigar os aspectos da construção de consciência histórica na produção escrita dos alunos.

A primeira categoria agrupou as respostas em que os jovens afirmam seus posicionamentos, porém não os defendem ou, se defendem, usam fragmentos das narrativas que deveriam ser lidas apenas posteriormente. Além disso, em sua maioria, as respostas foram vagas, incompletas, sem sentido algum, ou cópias exatas das narrativas da segunda questão do questionário. Observa-se isto, por exemplo, na resposta do estudante 11.A, quando salienta que *“Golpe, se contrapondo a ideia de que o ocorrido foi uma revolução.”*.

Na segunda categorização, embora ainda haja algumas respostas simples, sem grandes argumentos, os estudantes demonstram certa preocupação, seja com a questão política do país, ou com o fato de se tomar o poder à força, ou pela mudança brusca da estrutura do país, ou, ainda, pelas relações existentes entre capitalismo e socialismo, além do fato de se tirar o poder do povo que, ao ver dos jovens, estaria presente no voto direto para presidência. Um exemplo de resposta para essa categoria é a dos alunos 13.B e 16.B *“Golpe de estado, porque, a ordem jurídica foi quebrada mas substituída por um regime de exceção.”*.

A terceira categoria, por sua vez, é composta por respostas relacionadas à opressão e à violência, tanto na tomada do poder, quanto no período posterior em que ocorreu a Ditadura Militar no Brasil. Vemos essa abordagem com a resposta do aluno 25.A *“Um golpe de estado deixando o nosso povo com a cara do medo, uma revolução teria sido mais simples e não tão forte e malvada da forma que apenas aqueles que estavam no poder se livrassem das torturas.”*.

Conclusão

Partindo do ponto em que as representações estimuladas pelos conceitos substantivos - Revolução e Golpe de Estado - apresentados aos jovens, constituíram um segmento de análise na aplicação do conhecimento histórico em suas práxis de vida, concluiu-se que, por maior que seja o conhecimento dos educandos acerca da temática abordada, seus posicionamentos e argumentos, no geral, foram superficiais. Verifica-se tal situação, pois além de não conseguirem desenvolver a relação passado-presente, tampouco reconheceram a historicidade dos temas que a disciplina de História é capaz de contemplar, por meio de argumentos, muitas vezes, influenciados por fatores externos ou fazendo uso de cópias exatas de narrativas.

Outro ponto curioso a ressaltar é o fato de que 42,9% dos jovens do grupo pesquisado afirmaram assistir televisão e 73,5% ter acesso à internet, no entanto, considerando que os instrumentos foram aplicados em 2016, e de que nos encontramos num período em que se teve a comemoração recente dos 50 anos da Ditadura Militar brasileira, muitas visões poderiam ser apresentadas, porém, não ocorreram como tal.

Por fim, acredita-se que a construção do conhecimento histórico nos jovens seja contemplada por meio da utilização de fontes históricas nas aulas, suscitando debates sobre temas que relacionem diferentes temporalidades, de modo que suas vivências e saberes prévios sejam articulados a novos conhecimentos, com vistas a contribuir para a elaboração de respostas históricas críticas, densas e coesas, possibilitando, assim, o desenvolvimento de consciência histórica.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Ronaldo Cardoso. Evidência Histórica entre estudantes brasileiros e portugueses: a interpretação de fontes escritas na construção do conhecimento histórico. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; NÓBREGA, Maria Luíza Sardinha de; TODARO, Mônica. (Org.). **Metodologias de ensino: entre a reflexão e a pesquisa**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013. v. 10, p. 119-148.
- ASHBY, Rosalyn. Desenvolvendo um conceito de evidência histórica: as idéias dos estudantes sobre testar afirmações factuais singulares. **Educar**, Curitiba, Especial, p. 151-170, 2006. Editora UFPR.
- BARCA, Isabel; GAGO, Marília. Aprender a pensar em História: um estudo com alunos do 6º ano de escolaridade. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho, v. 14, n. 1, p. 239-261, 2001.
- CAINELLI, M.; SCHMIDT, M. A. Desafios teóricos e epistemológicos na pesquisa em educação histórica. **Antíteses**, Londrina, v. 5, n. 10, p. 509-518, jul./dez. 2012.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição á semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira; Revisão de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto Ed. PUC-Rio, 2006.
- RÜSEN, Jörn. Razão Histórica. **Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- SIMÃO, Ana Catarina. A construção de evidência histórica: concepções de alunos do 3º. ciclo de ensino básico e secundário. In. BARCA, Isabel. **Estudos de Consciência Histórica na Europa, América, Ásia e África: actas das VII Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Braga: Centro de Investigação em Educação – Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho, 2008, p. 75-92.